

**CENAS DOS AFETOS ESCOLARES:
cortes e deslocamentos curriculares**

**SCENES OF SCHOOL AFFECTS:
curricular cuts and displacements**

**ESCENARIOS DE AFECTOS
ESCOLARES: recortes y
desplazamientos curriculares**



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i3.64677

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Steferson Zanoni Roseiro

Mestre em Educação

Professor da Rede Municipal de Ensino de
Cariacica, Espírito Santo, Brasil.

E-mail: dinno_sauro@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1424-2281>

Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves

Mestre em Educação

Professor do Instituto Federal do Espírito
Santo, Brasil.

E-mail: nahunthiaghor@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5684-0880>

Alexsandro Rodrigues

Doutor em Educação

Professor da Universidade Federal do
Espírito Santo, Brasil.

E-mail: xela_alex@bol.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5998-4978>

Resumo: Esse ensaio faz dos casos afetivos de escola um convite à conversações curriculares para pensarem o corpo em suas potencialidades e liberdades. Para tanto, trabalha a partir de fabulações do corpo enquadradas por uma câmera fictícia que acompanha os processos de narrativas do corpo dentro da escola. Destarte a premissa de que o corpo é apenas mais uma ferramenta institucional na oposição ao currículo controlador e prescritivo, o ensaio visa subverter as lógicas que fundam as discussões em torno das afetividades corpóreas. Vale-se da discussão sobre a produção heterocentrada de gêneros e sexualidades e propõe indagar como que cada produção afetiva é sempre um arranjo momentâneo e provisório. Por fim, expressam a potência das políticas miúdas e que afirmam vidas na diferença por cenas de redes de amizade que alteraram as paisagens de algumas escolas, que indagam as possibilidades do existir corpóreo.

Palavras-chave: Corpo. Currículo. Cena.

Como citar este artigo:

ROSEIRO, S. Z.; GONÇALVES, N. T. L. P.; RODRIGUES, A. CENAS DOS AFETOS ESCOLARES: cortes e deslocamentos curriculares. **Revista Espaço do Currículo**, v.15 n. 3, p.1-9, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i3.64677>

Recebido em: 30/10/2022

Aceito em: 23/11/2022

Publicação em: 15/12/2022

Abstract: This essay makes the affective cases of school an invitation to curricular conversations to think about the body in its potentialities and freedoms. To do so, it works from fables of the body framed by a fictional camera that follows the processes of narratives of the body within the school. In light of the premise that the body is just another institutional tool in opposition to the controlling and prescriptive curriculum, the essay aims to subvert the logics that underlie the discussions around bodily affectivities. It uses the discussion on the heterocentric production of genders and sexualities and proposes to ask how each affective production is always a momentary and provisional arrangement. Finally, they express the power of minute policies that affirm lives in difference through scenes of friendship networks that altered the landscapes of some schools, which question the possibilities of corporeal existence.

Keywords: Body. Curriculum. Scene.

Resumem: Este ensayo hace de los casos afectivos de la escuela una invitación a conversatorios curriculares para pensar el cuerpo en sus potencialidades y libertades. Para ello, trabaja a partir de fábulas del cuerpo enmarcadas por una cámara ficcional que sigue los procesos de narrativas del cuerpo al interior de la escuela. A la luz de la premisa de que el cuerpo es una herramienta institucional más frente al currículo controlador y prescriptivo, el ensayo pretende subvertir las lógicas que subyacen a las discusiones en torno a las afectividades corporales. Utiliza la discusión sobre la producción heterocéntrica de géneros y sexualidades y propone preguntarse cómo cada producción afectiva es siempre un arreglo momentáneo y provisional. Finalmente, expresan el poder de políticas minuciosas que afirman vidas en la diferencia a través de escenas de redes de amistad que alteraron los paisajes de algunas escuelas, que cuestionan las posibilidades de la existencia corporal.

Palavras-clave: Cuerpo. Curriculum. Escena.

1. CENA 1... GRAVANDO!

*

O botão vermelho embaixo indica apenas a gravação. Na tela, uma criança gesticula nervosa. Não irritada, ansiosa. “Ahhh, os meninos aqui da sala têm muito o que aprender ainda”, diz a criança. Ri enquanto fala. Apesar do nervosismo, está feliz diante da câmera. Fala um monte de coisas, um monte de dicas. Se vai a um encontro, arrume-se direitinho, mas não passe perfume em excesso! Uma borrifada na camisa, perto do pescoço. Tem que ir preparado para pagar o lanche da outra pessoa. “Se for menina, é cavalheirismo pagar, né?”, diz o menino com um sorriso na face. “Ela pode falar que não quer, aí você também tem que respeitar. Mas tem que ir preparado”. O menino continua a falar. Dicas para quem quiser sobre como se dar bem com uma garota. “Ou garoto também, né? A pessoa pode gostar do que ela quiser!”.

*

De olhos vidrados na lente da câmera, a garota solta o verbo. Aparentemente exaltada, insinua várias vezes que um garoto qualquer é doido, desrespeitoso em suas postagens. Doido por ter falado que ela não é bonita, doido por ter insinuado que a foto era fake, doido por escrever #tãolindaquenãoparecevoce. Era tanta loucura que ela se perde em meio a lágrimas. A emoção quando escoo pela lente e borra maquiagem, pede uma pausa, pois não quer sair feia na filmagem. Alguns segundos depois volta a si e exclama: “Você vai deletar essa parte!”. A edição mantém. Não feliz com a cena, a menina manda um recadinho ao final como se o garoto da postagem fosse ver, mas se direciona a todos os haters anunciando que esse machismo escroto que enxerga só a beleza real das pessoas não vale de nada e precisa ser combatido. O que, afinal, é real? O que é belo?

*

O corte não mostra nenhum rosto. Apenas duas mãos. Mãos dadas. Duas mãos negras, ainda que a edição exiba apenas uma escala de cinza. As duas mãos trocam carinhos e carícias de quem há muito explora o corpo um do outro. Não há uma única fala na gravação. Ao menos, não no primeiro plano. No fundo, ouve-se uma sala de aula. Risos, barulhos de um professor dando aula bem longe, alguém dando um grito ocasional. As mãos continuam a se apertar, brincando um carinho que sabem não caber em

uma sala. A mão que filma as mãos treme por um segundo. A gravação fica escura. Ouve-se apenas a proximidade de uma voz professoral que falha. “Para fazer a atividade que é bom vocês nunca podem! Mas ficam aí de viadagem na sala! É só dar as costas que já ficam de mãos dadas, quando não inventam de sentar um no colo do outro! Pelo amor! Isso é uma escola! Escola é lugar de aprender, de exercitar o cérebro! Não o corpo!”. A voz se afasta ainda carregada de irritação. A câmera volta a mostrar algo alguns minutos depois. Uma das mãos procura pela outra e a aperta gentilmente. As mãos ainda estão dadas, dedos cruzados, ainda que, no canto das unhas de uma das mãos haja sangue escorrendo.

*

Cabelo para um lado, cabelo para o outro, duas piscadas e a fala vem certa! Corpo andrógono. Nem ele, nem ela. “Não-binário”, diria o corpo se se explicasse. “O garoto chegou lá duas vezes! Não teve sedução! Não, espera. Alguém sabe me explicar o que é sedução? A gente estava apenas se divertindo”, diz entre as balançadas de cabelo, “e a filmagem nem ficou tão boa. O que é uma tristeza...”. Como se estivesse dando uma bronca, anuncia: “Bem! Isso serve para todo hetero top que se acha superior aos ‘viadinhos’, vocês também gostam e a gente sabe... fazer e agradar!”.

*

O enquadramento da câmera muda de foco a todo o momento. A câmera anda. Aproxima e se afasta de uma porta. Cruza-a. Abre a porta e fecha-a veementemente. Do lado de dentro, um pedaço de papel está colado na porta, um desenho. Uma genitália que mistura um pênis, uma vagina e um buraco negro cruzando tudo. A câmera sai novamente. “Tiraram nosso desenho daqui de novo!”, algumas vozes falam atrás da câmera. As vozes estão irritadas. A câmera treme. Um rosto aparece diante dela. “Já é a quinta vez em três dias. T-R-Ê-S D-I-A-S. Cada vez falam que escola não é lugar disso, que banheiro tem que ser identificado porque vai rolar sexo... Queridos! Te contar um babado: quando a gente quer dar uns amassos, a gente entra no banheiro que quiser e vocês nem sabem!”. Outro corpo empurra o primeiro. “Sabe o que é engraçado? Aqui na escola, só tem UM banheiro de professores. Um. Um vaso, uma pia. Não tem mais que isso. Professor homi e professora muié usam o mesmo espaço. Tipo, eles podem... a gente não?”. A câmera se mexe novamente. Mostra o verso do papel desenhado. Riscado em caneta vermelha, um recado: “BANHEIRO UNISSEX É COISA DO DIABO!!!!”.

2. OLHOS POR TRÁS DA CÂMERA

Suponhamos que, em uma escola, um grupo de alunos fizesse uma série de gravações para compor um documentário íntimo apresentando a escola. Ou melhor, apresentando uma coisa que, insistem, não cabe à escola: afetos, relacionamentos, amores, paixões.

Dentro do espaço escolar, o corpo é quase sempre tomado apenas como uma ferramenta, um meio para se atingir aquilo que a escola se orgulha de anunciar como seu papel: lugar prioritário de aprendizagem.

Decerto, a escola tem mesmo esse privilégio de ser uma instituição de ensino. Ainda que possamos questionar o que é ensinar e o que é aprender em dadas lógicas, dificilmente discordamos desse seu caráter único. Contudo há, ainda, uma tendência a tomar o *aprender* da escola como uma capacidade em fazer isso ou aquilo. Um aprender enquanto capacidade de realizar tal ou qual coisa.

Todavia, precisamos também indagar as aprendizagens que são tomadas pelo corpo.

O corpo é lugar privilegiado para as experimentações da vida. Como ignorá-lo?

Esse ensaio propõe apontar para possíveis criações curriculares que evidenciam a força do corpo dentro da escola. O corpo está sempre sob a lógica da vigilância na escola

A escola parece funcionar, em dada ótica, pela lógica das durezas e do controle. Conforme destacam Roseiro, Perovano e Lourenço (2022, p. 221), “é muito fácil orgulhar-se das coisas todas ‘certinhas’ e ‘ajeitadas’; é muito fácil ludibriarmos-nos de que isso garante mais eficiência e funcionalidade em uma escola”. Essa força motriz controladora exerce sobre a escola não apenas o caráter de sua organização, mas, e principalmente, o caráter de sua produção social dos corpos.

Estar em escola exige de nós lembrar que estamos em contato com os outros.

E contatos de todas as ordens. Mesmo aquele *um* corpo que um dia entra na escola, para fazer algum serviço, algum projeto ou mesmo para consertar o ventilador das salas de aula – aquele um corpo passa a fazer parte do cotidiano escolar, ainda que momentaneamente. Tudo em uma escola muda radicalmente quando novos corpos entram (ROSEIRO; PEROVANO; LOURENÇO, 2022, p. 225).

É-nos preciso romper com o estigma dos currículos como metas a serem alcançadas. “Discutir os currículos apenas como práticas de governo ou de sujeição das subjetividades e dos corpos é inviabilizar as resistências infinitas que se espalham pelos corredores, salas de aula, pátios, bibliotecas, banheiros, refeitórios e afins” (ROSEIRO, 2021, p. 14).

Isso é, decerto, algo o qual não podemos continuar a repetir.

A partir da discussão sobre os modos como as escolas organizam e orientam suas produções curriculares, Janete Carvalho (2009) propõe que pensar os currículos é traçar redes de conversações rumo a uma comunalidade expansiva. Bebendo de autores como Antonio Negri e Boaventura Santos, Carvalho situa que a comunidade é um conceito de encontros entre corpos. A escola e os currículos operariam, nesse sentido, na produção de encontros entre corpos que consigam se articular em direção a uma política, ética e estética aberta às movimentações e desejos coletivos dos corpos.

Para a autora, o currículo seria justamente o trabalho realizado na direção a esse comum expansivo, um comum que permite que mais e mais corpos se agreguem. Não em um sentido de comum como algo banal ou como se não pudessem haver nesse comum desencontros e desavenças. Nunca se tratou disso. Antes, o currículo em comunalidade expansiva colocaria sempre em jogo os debates e rearranjos necessários para que a educação e o conhecimento pudessem se estabelecer entre os corpos.

Não ao acaso, fazer currículo afetivamente em uma escola implica também em romper com a lógica funcional, com o imperativo de que é preciso sempre fazer correto, dar continuidade aos fluxos. É preciso também cortes, pausas, rupturas (ROSEIRO; SILVA, 2018). Currículos não apenas como resultados, mas como processos e errâncias; mesmo como erros a certas lógicas, como na tela que aparece CRITICAL ERROR.

Ora, pensando nesse sentido é que nos propusemos a fazer aqui cenas de paixões de escolas para nos forçarmos a pensar nas potências e nas criações curriculares. Se os currículos colocam os corpos em uma comunalidade expansiva que quer sempre se ampliar e não definir de antemão o que é ou não o melhor currículo, o mais verdadeiro conhecimento, é-nos também necessário pensar como os corpos passam a poder expressar em si suas potências. Quais acordos são feitos dentro dos currículos que permitem ao corpo suas liberdades? O corpo na/da escola é livre?

Como que em resposta, retomamos uma das cenas iniciais: “Para fazer atividade que é bom vocês nunca podem!”.

A cena, um corte sem rostos, com mãos e carícias sendo a única imagem a ocupar a tela de uma câmera fictícia, evoca em nós a secura das possibilidades afetivas. Escola é lugar de estudar, de aprender, de copiar dever do quadro, de responder às perguntas, parece nos dizer a cena. A voz que se aproxima e grita e depois se afasta e diminui faz com que as mãos, marcadas por um afeto intenso, sumam na escuridão que deixa de filmá-las. Bons afetos dão uma passagem abrupta para as dores e, quando voltam, indicam a volta com suas feridas e ataques.

Como, quiçá, potencializar os afetos corpóreos dentro do espaço escolar?

Pudera, essa é nossa questão.

O corpo, nos dizeres de Preciado (2014), é sempre um corpo falante, um corpo a produzir sua experiência no encontro com os outros e a narrar-se a partir daquilo que lhe afeta. “Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação” (PRECIADO, 2014, p. 21). O corpo se articula a outros para se produzir e, com isso, definir quais são seus limites e suas potencialidades. Há em sua aposta, a inserção de algo (elemento sempre

sintético, sempre artificial, sempre de curta duração) que contraria a normatividade do corpo. Se se espera do corpo que ele seja bem comportado, que ele transite por esse ou aquele, espaço, o corpo de Preciado “busca gerar uma contra-produção de prazer e de saber no âmbito de um sistema de contraeconomia” (PRECIADO, 2014, p. 43).

Somos convidados por Preciado a pensar o corpo como a experiência da vida em almejar sempre outros ares.

Talvez por isso que hoje, diante de tantos ataques aos banheiros unissex por parte de figuras políticas e públicas tragicômicas, a última das cenas iniciais nos seja tão importante. Ela marca não apenas um modo de existir com seu corpo, mas também uma força política que ainda não acompanhamos.

Indagava Deleuze (2002): o que pode o corpo?

O corpo, vai nos dizer Lazzarato (2019) pode tanto ser alvo de subjetivações que o coloquem na posição de servo e de submissão, quanto pode criar brechas a partir de sobre-codificações. O corpo, quando servo e submisso, apresenta-se sempre alinhado às produções hegemônicas. É o corpo-homem, corpo-mulher, mas também o corpo-gay, corpo-lésbica, corpo-criança, corpo-idoso e outras tantas variações mas que carregam apenas suas conformidades com o que se espera dele. Daí, justamente, que Lazzarato (2019, p. 186), depois, destaca ser

impossível desfazer as sujeições do colonizado e da mulher [e da bicha, e da travesti, e da criança, e da negritude, e da...] atacando apenas a “produção” e a exploração do trabalho. As singularidades dessa fabricação de “subjetividade” (“a mulher”) exigem uma intervenção política e uma modalidade de organização que não visa unicamente a tomada de poder.

Quais políticas de corpos temos produzido em nossas existências curriculares?

O aprisionamento dos sentimentos em caixinhas residenciais durante um período turbulento trouxe à tona o reconhecimento da instituição escolar como demanda social de cotidianos vividos. “Que corpo adentra à escola?”, passou-se a perguntar a própria instituição. Por um longo tempo, o princípio era a heterossexualidade compulsória: dentro da escola, há tão somente corpos normalizados. Inclusive, ainda hoje parecemos precisar afirmar, a todo o momento, que também as crianças fazem com seus corpos práticas afetivas muito diferentes daquelas que a heteronorma possessiva e superprotetora reconhecem dela (RODRIGUES; SOUZA, 2020). Quando a pergunta “Que corpo adentra a escola?” passa a arrombar os portões curriculares, não mais nos cabe apenas pensar nas regras, sejam elas quais forem. A partir do momento em que nos perguntamos, damos-nos conta de suas brechas, de aberturas que o currículo precisa se fazer para que os corpos consigam transitar por suas margens. Se se quer que os corpos venham a compor com os currículos as comunalidades expansivas (CARVALHO, 2009), não é possível não indagar pelos corpos e como eles se afirmam dentro do espaço escolar.

As linhas de fuga que passaram a sobrevoar os currículos a partir desses corpos em alta intensidade propuseram liberdades *virtuais* de amores e temores. Se a era digital permitiu ao corpo fazer da experiência de narrar-se uma prática recorrente, as declarações em massa de (des)aprovações possibilitaram mais do que curtidas, enfraquecendo a legitimação do *status quo* dos corpos e afetos demasiado enquadrados por certos modos.

A vida se propõe a conversar, a se manter viva por confabular de diversas maneiras virtuais com outras vidas (des)conhecidas. As cenas que abrem a escrita desse texto são apenas convites. Convites aos corpos, ora enquadrados, ora em fuga contínua. O que dizem os corpos nas escolas? Que experiências curriculares um corpo *pode*? O movimento da escrita nos põe a segurar uma câmera. Percebemos os gravadores. Estamos ali, junto aos alunos, meio que escondidos atrás da lente objetiva que grava a cena. Talvez as gravações sejam um trabalho de arte ou um exercício de produzir textos carregados de emoções. Talvez alguém lhes esteja ensinando a produzir crônicas a partir das próprias vivências? Quem sabe! Decerto, nada disso nos interessa. Os corpos interessam. Os corpos, o que dizem e o que não. O menino que começa por dar dicas de como ir bem a um encontro vê-se amarrado a um modo muito específico de dizer e fazer de seu corpo. Encontramos esse menino todos

os dias nas salas de aulas, nos pátios das escolas. O menino que tenta romper com os estigmas da produção hegemônica do corpo, que vai sempre em passos lentos. Assim como podemos encontrar também a bicha debochada que, diante de um escândalo sexual, opta apenas por fazer uma gravação rindo da heteronorma. “Vocês também gostam e a gente sabe... fazer e agradecer!”, diz a bicha como uma ameaça que transgride toda a sexualidade e corporalidade demasiado demarcada. Em busca de suas liberdades e de seus afetos, rompendo com prisões e alcançando certa virtualidade dos corpos, somos tocados pelas cenas pelo modo como os corpos se põem em relação no ato de criação. De certo modo, ao gravarem experiências de si, “levamos os passados com os quais podemos viver e não podemos esquecer, mas também os futuros que queremos criar” (ROSEIRO; GONÇALVES; SILVA, 2020, p. 141).

Assim, de imediato são traçadas proposições de que não hão de sustentar convívios com tais demandas em anulação ou esquecimento das produções de afeto entre corpos que se esbarram nas salas, banheiros e corredores. Não podem, não querem, não vão. Não irão porque, enquanto vivos, os corpos continuam a se atacar, se articular, se entrelaçar e se comunicar, criando sempre outras zonas de indistinção donde o comum se estabelece.

3. CENA 2... INTERLÚDIO

*

Uma garota se senta em uma cadeira vazia. Depois outra se junta. E outra. Mais uma. Juntam-se. Não se contam as meninas. Vão apenas chegando mais cadeiras e mais meninas. Quando não mais cabem cadeiras ou meninas no enquadramento, elas todas tiram um pedaço de papel de dentro dos bolsos. Não se consegue ler nada do que está escrito. A câmera dá zoom, mas a escrita desfoca. A face das meninas, todavia, é a de quem encara de frente uma onça pintada sem querer correr. Olhos ferozes, ainda que com corpos sentados. Apenas os lábios delas se mexem. Som zero. “Não mexe comigo que eu não ando só”.

*

Uma aluna para diante de um livro e o olha com interesse. “Minha mãe disse que esse livro faz mal”. Olha sem folhear. A capa do livro pode ser qualquer coisa. Uma garota com uma pele como roupa. Um casal de meninos. Uma super heroína. Um monte de coisas. A capa é uma incógnita que a câmera não pega. Apenas mostra a aluna, uma criança, em uma decisão difícil de abrir ou não aquilo que a mãe abomina. A câmera se afasta. Em nenhum momento, durante aqueles quatro minutos e 27 segundos, a menina se decide. Continua a rondar o livro que jamais será dito qual é. Por fim, a câmera mostra uma plaquinha com uma frase qualquer daquelas de inspiração à leitura.

*

4. NÃO FUJA DO SCRIPT

Quais os limites do corpo?

No conto *Pele de homem* de Hubert e Zanzim (2021), um corpo-mulher ganha uma veste de homem que permite a ela transformar a identidade e desgenerificar a relação heterocentrada. Três perguntas são cruciais nessa leitura: Como viver o corpo? Como transitar? É possível retirar de si uma lógica binária para criar outras linhas e laços com os gêneros, com os sexos e para além ou aquém deles? O conto coloca em questão que o corpo não é da lógica de afirmar o corpo em uma posição única de gênero, de sexualidade ou de afeto. Há um corpo que transita entre muitos elementos. Um corpo apaixonado por outro e que, não podendo viver uma relação com esse, transita entre gêneros e virilidades para afetar um terceiro corpo. Algo escapa da lógica binária, bem próxima a essa relação no balançar de cabelos uma filmagem mal feita serve de aviso ao hetero top. “Vocês também gostam e a gente sabe...”.

Transitando pelo que os afetos imediatos lhes permite, são as modulações do desejo enquanto produção de mundo que permitem ao corpo suas potências. De certa maneira inicia-se um contrato contrasexual (PRECIADO, 2014) a desfocar das relações nucleares binarizadas. Que outros arranjos são possíveis entre corpos?

Não nos resta dúvida da importância das políticas miúdas que afirmam vidas na diferença e das redes de amizade que alteraram as paisagens de algumas escolas. Por isso, fazemos questão de contar das muitas vezes que vimos grupos de meninas criando condições para que meninas trans e travestis pudessem usar banheiros femininos com segurança, das muitas vezes que as meninas usam o próprio corpo para contar das experiências de limitação que lhes impõem, das muitas vezes que alguém é induzido a viver o corpo em intensos desejos sexualizantes.

Se a luta da vez, no cenário político atual, é enfrentar os discursos de ódios aos banheiros, precisamos contar histórias sobre eles. Lembrar que, embora tanto queiram que o corpo trans e travesti fuja desse espaço, ainda assim, ali dentro, os vasos sanitários, as descargas e pias contam histórias que deixariam todo corpo bem-educado com a heterossexualidade de cabelo em pé. Porque, afinal, a câmera do celular pode até não capturar a cena, mas todos numa escola sabem daquelas crianças que se beijam e se experimentam nos banheiros. Então é mesmo uma questão de limites do corpo dentro do espaço do banheiro que interessa no discurso da normatividade?

5. CENA 3... CORTA OU NÃO?

*

Câmera ligada, as falas se sobrecarregam de arte e sentidos que ressignificam a escola. A câmera agora com filtro preto em branco aparenta ser um documentário. Vidas que aprontam fora da escola e nela se encontram para festejar suas aventuras. Os risos entre uma imagem e outra revelam sensibilidades comuns, descontraídas, com foco, a fala elege o beijo, “Ontem meu pai veio à escola e ouviu uns berros da fêssora e da coordenadora, só porque eu beijei duas amigas debaixo da mesa. Mas parece que ele saiu feliz, pois até me pagou um sorvete. Aí eu perguntei, ele me chamou de garotão “beijando geral disse ele”, aproveitei para falar do meu amigo que beijei no banheiro. Não entendi, a cara dele fechou e eu fiquei sem sorvete. Horas eu gosto de beijar, e daí?”

*

“Não quero”. A voz apenas aparece. Sem rosto. A câmera tenta seguir, mas o corpo foge. Pega apenas o calção do uniforme e parte da camisa. “Não quero!”, repete a voz de menino. A câmera não desiste. O menino é formado apenas por vislumbres. Um óculos com um olho demasiado grande. As mãos sujas de pó preto. Grafite? “Não ligo para essas coisas”, diz, “Não sei por que vocês querem que eu fale de namoros... eu nem acredito nisso! Sei nem se esse monte de história de primeiro beijo que meus colegas contam é real ou só entretenimento... você acredita?”. Ele finalmente para de fugir da lente. “Deu para entender? Eu não penso nessas coisas. Para quê? Eu prefiro falar de robôs, andróides!”

*

6. NO FINAL, NÃO TEM MOCINHA E NEM MOÇÃO

Seja como for, os segmentos desses conhecimentos e saberes são expostos por Preciado (2014) com a instituição de tecnologias contrassexuais, uma questão que converge na maximização das superfícies eróticas na sociedade que “favorece o desenvolvimento do saber-prazer e das tecnologias dirigidas a uma transformação radical dos corpos” (PRECIADO, 2014, p. 42). Para além dessa condição, a identidade crava suas garras a princípios que também encontram no fazer e agradar desafios de corpos não sexualizados e romantizados, potências de vidas desgnerificadas.

Cabe lembrar que a escola tem gênero, melhor, problemas de gênero. Roseiro e Gonçalves (2021, p. 17) enunciam que no cotidiano habitam “profissões bastante demarcadas pelos traços de gênero”, tais demarcações extrapolam os muros da instituição, pois numa reprodução das condutas culturais as famílias também são convocadas pelas crianças a questionar ou reprimir tudo aquilo que fere a relação de gêneros heterocentros. Não é permitido falar de sexualidade na escola? Nem sobre gêneros? O assunto volta a nos convidar para conversas desgnerificadas. Os corpos na escola reinventam seus próprios interesses.

Aqui os currículos são convocados à escrita dos corpos sob outra perspectiva: a de profanar a heteronorma, a concepção binária de gênero. Tomando os conceitos de sagrado e profanação em Agamben (2007), por exemplo, poderíamos dizer que o exercício afetivo do corpo é da ordem de uma

profanação imediata a tudo que foi sacramentado. Se a regra do corpo é se afetar por esse ou aquele modelo de carinho, profaná-lo implica em dar ao corpo outras conexões. Quais outras são possíveis? Se o sacro é aquilo que é desligado dos sentidos mundanos, aquilo que nos afasta dos usos reais das coisas com as quais lidamos, pois que comecemos justamente a fazer com os corpos parcerias inusitadas para fazer cair toda e qualquer sacralidade de seus pedestais. É a questão da contrassexualidade de Preciado: indagar a cada corpo o que lhe interessa, quais paixões lhe são possíveis, quais modos de existência lhe apeteçam. Não precisamos de uma distância religiosa entre a escola e a vida, entre o corpo e sua potência! Antes, por que não fazer o próprio corpo se afirmar infinitamente em suas múltiplas e infinitas possibilidades. Se há uma religião curricular (ROSEIRO; CARVALHO, 2018) fortemente ancorada em uma lógica de seguir os currículos (prescritos, sempre prescritos!), por que não dar ao corpo uma sensibilidade tátil capaz de transformar esse tal culto do currículo numa sensibilização infinita dos afetos?

O currículo aqui é convocado a produzir no corpo exercícios de liberdade.

A questão é que, para nós, os exercícios de liberdade não podem ser acompanhados de uma imposição, de uma régia do poder. Os exercícios de liberdade – forças capazes de potencializar a vida – distanciam-se do desejo pela forma e pelo modelo. Distanciam-se do exemplo, de quem pensa poder saber melhor. Quando a liberdade é acompanhada por uma lógica de regulação, diz-se como e onde deve-se melhorar. E, aqui, não seria possível evocar um modo de domesticação? E, como já dizia Nietzsche (2014, p. 46), “denominar ‘melhoramento’ a domesticação de um animal é, aos nossos ouvidos, quase uma piada”.

Qualquer liberdade mediada pelo reconhecimento e mediação do outro é já um modo de domesticação. Há, aí, a produção de um limite que diz o que pode e o que não pode, o que deve ser feito e o que não, o que é bom para um que não está claro, que não é explicitado.

Quais forças estão em jogo quando dizemos que esse ou aquele são os melhores modos de se existir?

Insurge na escola o corpo que profana a ordem, de certos corpos que, ao exaltarem as necessidades da coletividade, combinam casos e acasos para desregular a métrica prescrita. No conjunto, não se trata da idade do corpo ou do quanto tempo eles vivenciam entre si. As conversações são traçadas sempre ao acaso do encontro entre corpos. O corpo do menino que comemora ser beijeiro é o mesmo que depois sofre por beijar em demasia. O corpo do menino que foge às lógicas dos namoricos marca a um só tempo uma recusa e outro tempo para pensar a concepção dos afetos pelo outro. O que me agrada? O que não me cabe? Não basta reprimir as conversações, como se isso sequer fosse possível! O trabalho das gravações pode, inclusive, não ser uma atividade para uma aula. Talvez os alunos estejam organizando esse vídeo-documentário para reproduzir na escola mesmo sem a autorização dos professores! Como saber? Interessa, aqui, desregular estereótipos e fazer insurgir, rizomaticamente, um devir do corpo como toca, como rota de fuga, como uma abertura existencial. Um devir-abertura? Impossível, e, ainda assim, tentativa. Corpo-abertura que impõe suas perspectivas contra a perversidades dos currículos documentos, com suas histórias que não fazem outra coisa senão indagar pelas possibilidades do existir corpóreo.

Os corpos colocam-se em cenas apenas para mostrar que não há vida capaz de ser enquadrada, ainda que uma câmera tente fazê-lo. Eles aparecem, se deixam enquadrar por alguns segundos ou talvez minutos e, depois, já foram em outras direções.

7. CENA PÓS-CRÉDITOS

*

“Espera! Vocês querem que EU apareça no vídeo de vocês?”, pergunta uma professorinha diante da câmera. “Olha quanta prova eu tenho que corrigir... desculpe, não vai poder ser hoje...”. A câmera muda o foco. Mostra apenas as mãos da professora que rapidamente dá uma sequência de certos e errados nas questões. Por uns segundos, ouve-se apenas o barulho da caneta sobre o papel. A professora se incomoda quanto mais a câmera perdura. “Querem que eu fale sobre o que mesmo?”, indaga ela depois de mais alguns segundos. “Namoricos de escola, né? Nunca tive! Satisfeitas?”, ela

pergunta. A câmera treme, como que rindo, ainda que nenhum som se faça audível junto. A expressão no rosto da professora era um misto de pesar e desespero. “Nunca dei nem uma bitoquinha na escola porque eu estudava no mesmo colégio que minha mãe era diretora! Eu não iria sobreviver nem um dia depois que esse boato chegasse até ela!”.

*

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Espinoza: filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.
- HUBERT; ZANZIN. **Pele de Homem**. Tradução de Renata Silveira. São Paulo: Nemo, 2021.
- LAZZARATO, Maurizio. **Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica**. Traduzido por Takashi Wakamatsu e Fernando Scheibe. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou Como se filosofa com o martelo**. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- RODRIGUES, Alexsandro; SOUZA, Leonardo Lemos de. Por uma política de leitura aberta de mundos: o buraco negro e o fim do mundo como possibilidade de nascimento crianceiros. **Educação e Filosofia**, v. 34, n. 70, jan./abr., p. 103-131, 2020.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni. Fabulate ergo sum: a criação, o currículo e o cuidado com a vida. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 17, jun., p. 01-25, 2021.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni; CARVALHO, Janete Magalhães. Religio curriculare: biopolítica da vida curricular. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 13, n. 1, p. 44-65, jan./abr., 2018.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni; GONÇALVES, Nahun Thiaghor Lippaus Pires. **Se for o currículo, vá embora! Pisar o chão da escola**. Curitiba: CRV, 2021.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni; GONÇALVES, Nahun Thiaghor Lippaus Pires; SILVA, Sandra Kretli da. Bolsa de professora, lugar de virtualidades. **Interfaces da educação**, Paranaíba, v. 11, n. 32, p. 135-158, 2020.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni; PEROVANO, Nayara Santos; LOURENÇO, Suzany Goular. A coordenação festejante e as criações curriculares: vida e alegria nos cotidianos escolares. **Revista Imagens da Educação**, v. 12, n. 1, jan./mar., p. 210-228, 2022.
- ROSEIRO, Steferson Zanoni; SILVA, Sandra Kretli da. Currículos disfuncionais: inventar as lutas contra o capitalismo. **Educação e Realidade**, v. 43, n. 3, jul./set., 2018.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).